

Keila Deslandes

Carta a um amigo

Meu amigo Diego,

Você me convidou a escrever uma homenagem ao nosso querido amigo Ivan Antonio de Almeida, destacando como ele via a Universidade pública. Tarefa tanto honrosa quanto difícil que, confesso, eu jamais me imaginei realizando.

Pois não é fácil falar de alguém com quem se conviveu de maneira bastante próxima e que fora acometido por uma espécie de tragédia pessoal, o câncer, que lhe ceifou a vida prematuramente... Quando ele fazia tantos planos para, finalmente, alçar novos vôos para além da academia e da vida pública... Quando ele acabara de se tornar avô do pequeno Gabriel... Quando ele encerrava a mais longa gestão de um diretor à frente de nosso ICHS...

Não é fácil, meu caro, buscar as palavras certas que, ao mesmo tempo, farão jus às tantas qualidades de nosso homenageado e, ainda assim, não serão capazes de torná-lo um mero pastiche de si próprio, desprovido de suas contradições humanas e, portanto, um ser falso ou inexistente. Alguém com quem compartilhamos algumas ideias, mas não todas... A quem elogiamos, mas também criticamos... E de quem tantas confidências escutamos...

Mas, o desafio foi aceito e, assim, permita que eu fale um pouco de como percebo que esse nosso amigo, o professor Ivan, se relacionava com a Universidade pública. E aí eu me lembro logo de algo insólito, que terei que mencionar. Fomos, o Ivan e eu, além de colegas e amigos, co-diretores do ICHS – ele diretor e eu vice – no período de 2002 a 2006. Uma gestão conquistada apenas num segundo turno da votação, pois (pasmel!) ainda que fôssemos a única “chapa” concorrente, não logramos nos eleger num primeiro momento. Nossos “inimigos” (feliz de quem os tem), mesmo não tendo conseguido articular outra candidatura, conseguiram nos vencer pelos votos em branco. Ou seja, a nossa vitória, se assim se pode dizer, nasceu de uma longa fase de conversas no interior do Instituto, no sentido de apresentarmos uma proposta mais consistente, um “programa de gestão”!

Acontece que o Ivan detestava isto! Ele detestava a ideia de ter que apresentar um programa de candidatura, simplesmente porque isto lhe parecia um mero exercício de retórica, algo desprovido de consistência, de verdade.

Os tempos eram outros, a Universidade pública estava à bancarrota e, nas conversas com os estudantes, tudo o que ouvíamos como reivindicação (se é que se pode usar esta palavra, neste contexto), era: vocês vão conseguir colocar papel higiênico nos banheiros? Ora, como fazer um programa com base neste tipo de demanda? O Ivan tinha razão, podíamos redigir qualquer proposta mirabolante, mas, diante do cotidiano das goteiras, das lâmpadas queimadas... da falta de papel higiênico... O que de mais con-

tudente se poderia propor?

Mas, concessões devem ser feitas e, assim, elaboramos o tal programa de gestão que, claro, tinha algum lastro com a realidade, com as demandas, com nossas perspectivas e possibilidades naquele momento. No entanto, transcorrida a eleição, a sua primeira grande preocupação foi... com a compra de um piano para o Instituto! Ora, onde constava a compra de um piano em nosso programa de gestão? Quem iria pensar em investir numa compra destas, para um instituto de ciências humanas e sociais? E, por que comprar um piano para o ICHS? – certamente tantos se perguntaram.

Porque o Ivan queria que as pessoas ouvissem um pouco de música no horário do almoço e ficassem mais sensíveis, menos ansiosas, mais relaxadas. Nada além disto.

Só mesmo o Ivan!...

Outra medida considerada urgente, logo no início de nossa gestão, foi a pintura das salas de aula, com cores vivas e relaxantes. Detalhe: a pintura tinha que ser feita com cal, nada de tinta acrílica, tóxica. E também a cantina tinha que ser pintada, com um detalhe em laranja, simplesmente porque faz bem comer em ambientes alaranjados!

De onde ele tirava estas ideias? (Eu, preocupada que estava com a instalação de uma rede *wireless* no instituto, ficava brava com ele!). Mas, o Ivan era esta pessoa: um diretor que exigia que, ao chegar, os vasos estivessem ornados com as flores colhidas no jardim do próprio Instituto. E era isto que, no dia-a-dia, o preocupava: a beleza, o bem-estar, a alegria estampada no semblante das pessoas. Nada de indicadores de gestão definidos pelos tecnocratas de plantão: sorrisos, era isto que fazia com que ele percebesse alguma mudança no Instituto. Pessoas mais felizes, em harmonia com o ambiente e entusiasmadas com a grande aventura do conhecimento. E tudo o mais seria decorrente disto. Os grandes projetos, a verticalização, a qualidade de ensino... Obras contingentes, necessárias, idealizadas e realizadas por pessoas em equilíbrio consigo próprias, com as outras pessoas e num contexto onde os relacionamentos podem ser mais gentis e colaborativos.

E é assim que eu acredito poder sintetizar o tema para o qual fui convidada a escrever, pois entendo que o nosso homenageado se relacionava com a *res publica* numa busca constante de transformar o cotidiano das pessoas numa experiência mais prazerosa e feliz. Primeiro o bom senso, depois a norma. Ele não se importava em fazer qualquer compromisso com algo que viesse a ser considerado “politicamente correto”, necessariamente “engajado” ou com as pretensões carreiristas de quem quer que fosse.

Já tive a oportunidade de expressar isto num outro momento, muito mais feliz que este, durante o discurso de inauguração da fotografia do professor Ivan na galeria de diretores do Instituto. Nesse momento, em que nada sabíamos sobre a sua saúde e apenas prestávamos uma homenagem ao nosso querido amigo e diretor que concluía nada menos que 8 (oito!) anos de gestão à frente do ICHS, pude lembrar de suas origens numa família paulistana modesta, do fato de ter ficado órfão relativamente jovem e de sua dedicação à mãe e aos filhos como características que, penso, se estendem ao seu perfil de gestor público. Pois, acredito firmemente que o Ivan cuidou do ICHS com o zelo de quem cuida da própria casa, do próprio jardim e da própria horta; e que cuidou do bem estar das pessoas do Instituto como quem cuida da própria família. Era este o seu estilo taurino, elemento terra, convencional, com raízes e valores arraigados na decência e na honestidade para lidar com os bens que são de todos e que a todos devem igualmente

servir e beneficiar.

Enfim, meu querido Diego, você o conheceu talvez melhor que eu mesma, pelas vias profundas da experiência intelectual e de tantas leituras que vocês compartilhavam. Eu, para ser sincera, convivia com o Ivan num misto de admiração e espanto, achando aquilo tudo interessante e, ao mesmo tempo, questionando o sentido de seus propósitos. Afinal, ele não se preocupava em divulgar as suas obras? Por que não colocar uma placa (tantas vezes eu pedi isto a ele), indicando que o anfiteatro do Instituto foi todo reconstruído sob a sua batuta e reinaugurado durante a sua gestão? Por que não almejar outros cargos na administração superior da Universidade ou, quem sabe, em outros espaços de gestão pública? E, confesso, o meu lado racional, intencional, consciente e materialista-histórico, com seu corolário de “politicamente correto”, ficava um pouco “ranzinza” com esta substância espiritual que o Ivan sempre exalou e repercutiu com seu estilo próprio de administrar.

Fui visitá-lo, em outubro de 2010, em sua casa, em São Paulo. Passei toda uma tarde de sábado em sua companhia e, diferentemente do que imaginara encontrar, saí de lá reconfortada por sua ternura, por sua corajosa aceitação daquela enfermidade incompreensível para todos nós. Com seu bom humor contagiante, relembramos situações acontecidas durante os anos de sua gestão à frente do Instituto.

E rimos. Rimos muito, como sempre...

Nesta nossa despedida, ouvi algo que guardarei para sempre – dentre tantas outras lições e lembranças que ele nos deixou. Disse que estava muito agradecido e sensibilizado com a manifestação de carinho de tantas pessoas, algumas das quais ele nem sabia que gostavam tanto dele. E que toda aquela situação o tinha feito entender o quão duro é o nosso cotidiano, porque não nos permite dizer, às pessoas com as quais convivemos, o quanto as queremos bem.

Sim, meu querido amigo Diego, o nosso cotidiano é muito duro, competitivo e mal-humorado... Mas, a presença do Ivan em nossas vidas e, especialmente, a sua contribuição para a gestão da Universidade, tornou – e eu estou absolutamente convencida disto – o nosso cotidiano muito mais harmônico e suave.

Então, o que mais dizer sobre a relação de nosso homenageado com a Universidade pública? Penso que esta resposta possa ser resumida numa frase simples assim:

O Ivan lhe concedeu alma!

Keila Deslandes é doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris 7 (Diderot), com pós-doutorado em Psicologia Política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e professora associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foi vice-diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais dessa Universidade durante a primeira gestão do Prof. Ivan, entre os anos 2002 e 2006. Participa da Cátedra UNESCO – Águas, Mulheres e Desenvolvimento.